

**CIDADE SEM NOME**

revista eletrônica

artigo publicado em novembro/2005

**NU ARTÍSTICO****Rubens Pillegi Sá**blog: <http://nothingday.blogspot.com>

O nu sempre foi representado na arte. Como sinal de fertilidade, de virilidade, de castidade ou des pudor. As primeiras Vênus conhecidas foram feitas ainda na pré-história, no período paleolítico, feitas em argila. Tinham os seios fartos e a barriga protuberante, sinal de fertilidade, em um tempo ainda mágico, que não se distinguiam as horas e tudo obedecia ao ciclo da natureza.

Na Grécia antiga o corpo humano era valorizado como forma de mostrar força, potência, virilidade. Principalmente o corpo masculino. O Deus Apolo era quem reunia tais virtudes e era representado pelos maiores escultores desta época clássica, que buscavam nas formas humanas o Belo Ideal. Quanto ao corpo feminino, a beleza de Vênus foi considerada a maior entre as Deusas, e, assim, a ela eram consagrados templos e oferendas.

Ainda na Roma antiga, Baco, deus do vinho e da orgia, correspondente ao deus Dionisos, da Grécia, recebia homenagens em festas feitas em seu nome, mais ou menos como o carnaval, hoje, no Brasil. O desejo dos corpos era celebrado. A lascívia sexual, ritualizada.

Mas o poder mudou de mãos, e na Idade Média, com a implantação do Cristianismo, era a proibição da Igreja Católica quem dizia o que podia ou não. E o corpo e os desejos provocados por ele eram considerados como manifestação demoníaca a se extirpar. O paraíso exigia castidade. E em meio a pestes, violências, corrupção, fome e miséria, a fogueira ardia para quem se atrevesse a mostrar, sequer, partes do corpo humano. A não ser pintado ou esculpido, ardendo no inferno. Ao mesmo tempo, aprendemos com os cantos ao mesmo tempo sagrados e profanos da Ópera “Carmina Burana”, do compositor alemão Carl Orff, ou com livros como “O Nome da Rosa” – que virou até filme – de Humberto Eco, mostrando a vida nos mosteiros, de que a repressão ao corpo e ao sexo gerou uma espécie de pervertidos e tarados, os quais, ainda hoje, infelizmente, sobrevivem – não poucos – em nosso meio. Ou, como escreveu o dramaturgo Nelson Rodrigues: “todo casto é um pervertido”. Geralmente são os mais conservadores, os moralistas e preconceituosos, os de mente mais ignomínia.

Mas no Renascimento, com o advento do Humanismo – o homem como centro do universo – a situação novamente foi se alterando. Ainda que sob a tutela da Igreja

e ao severo moralismo pregado (até hoje), pintar, esculpir ou desenhar corpos nus, sem que isso jogasse seu autor na fogueira da inquisição, já era possível. Pelo menos corpos femininos. E de deusas gregas. Quem não conhece “O nascimento de Vênus”, do pintor Botticelli (1445-1510)? A deusa grega, nua, saindo de uma concha. Um outro, dos mais belos e paradoxais já pintados, é “O amor sagrado e o amor profano”, pintado por volta de 1515, de Ticiano, porque a imagem mostra duas mulheres, uma nua e outra vestida. E, justamente, é a mulher que está nua, a deusa. Sua pureza é tanta, que a ela é permitida a nudez, sem que isso seja obsceno.



“O amor sagrado e o amor profano”, de Ticiano (1485-1586): a mulher nua representado o sagrado

Depois, pelo menos até Ingres (1780-1867) a representação do nu, particularmente o feminino, na arte, atingiu um grau de sofisticação tão grande, que o artista incluiu uma vértebra a mais no desenho de um nu, de costas, para dar maior elegância e harmonia ao conjunto da composição.



Uma pintura, que funda o Modernismo, segundo Giulio Carlo Argan, de 1874, de Manet, altera toda a representação sobre o nu, até então. Já não era mais uma deusa representada no quadro “Almoço na Relva”, mas uma jovem donzela parisiense, em meio a outras pessoas comuns, nos subúrbios da cidade, fazendo um piquenique. Chocou a sociedade conservadora da época, foi recusado no salão oficial de arte, mas ganhou o mundo. E a história da arte, depois do Impressionismo, nunca mais foi a mesma. E os artistas, tão pouco. Agora a igreja já não tutelava mais o que se podia ou não, mas em compensação, já não fomentava mais as artes.

No começo do século passado, a exposição de desenhos do artista Flávio de Carvalho (1899-1973) foi proibida de ser exibida em São Paulo porque mostrava desenhos artísticos de nu. E deu a maior confusão com a polícia, que era agora quem censurava o que podia ou não ser mostrado. Todo mundo foi parar na delegacia. Aliás, a lei que trata sobre ser um nu obsceno ou não, é de 1940 (!) e, apesar da constituinte de 1988 ter decretado o fim da censura no país, tirar a roupa ainda dá confusão.

Independente dos discursos moralistas, artistas continuam usando o nu em seus trabalhos. Seja usando modelos, ou eles mesmos como parte do discurso artístico. Exemplos recentes é o caso do artista carioca Antonio Manoel que, em 1970 tirou a roupa no meio do Museu de Arte do Rio de Janeiro realizando uma performance denominada “O corpo é a obra”. Tem também o Aimberê César, que faz performances de Zen Nudismo. E que na ECO 92, no Rio de Janeiro, saiu às ruas filmando a reação das pessoas vendo-o nu. Queria chamar a atenção para o fato de que ele também era natureza e deveria ser preservado. Tem mais. Em 2003, na XXV Bienal de São Paulo, Spencer Tunick, dos E.U.A., colocou centenas

de pacatos cidadãos nus no parque Ibirapuera, apenas para tirar uma foto para expor. Em 2003, também, a paulistana Graziela Kunsh arriou as calças em plena documenta de Kassel, na Alemanha, como uma performance-protesto pelo esvaziamento do conteúdo da arte que ali estava sendo exposta, mostrando que quem estava viva era ela, mas a arte, pelo jeito, não tinha mais nada a dizer.

Laura Lima, na inauguração do Museu Oscar Niemeyer, colocou três garotas nuas, em uma referência consagrada das artes plásticas, das três graças, representada por vários escultores e pintores ao longo da historiada arte. Quem acessa a internet pode procurar por Urbanudismo que vai encontrar a argentina Avril X andando por praças e ruas da Argentina e Espanha completamente nua e convidando outras pessoas a fazer o mesmo. Isso sem falar em Jardelina da Silva, que tirava a roupa quando “o exu era índio”, já que a roupa “queimava” em seu corpo.



<http://urbanudismo.com/Present-Home-Lug-otros/Urbanudismo/Juano.htm>

Mas nem todo mundo tem se saído ileso da censura. O dramaturgo Gerald Thomas, em protesto às vaias recebidas, em uma montagem de ópera de sua autoria, abaixou as calças ao público e teve problemas na justiça por isso. Em Londrina, tivemos um caso recente, que gerou polêmica, no Dia do Nada, quando participantes foram detidos pela polícia por estarem nus, no trabalho de arte “Roupa sem corpo, corpo sem roupa”, na praça Rocha Pombo.

Definir o que é arte do que é provocação despudorada talvez seja uma questão a ser levantada, hoje em dia, quando as imagens saltam pelas bancas de jornais querendo nos agarrar, a preços módicos, é claro. Isso sem contar na internet e, pior, na tv. No entanto, dizer que o ato nudista é uma afronta – principalmente quando ele é feito para servir a um propósito artístico – é uma forma de censura que apenas em uma sociedade que fecha os olhos a verdadeiras indecências, pode fazer sentido. Até porque, no final das contas, a arte sempre esteve a serviço da liberdade. E se ainda causa celeuma a nudez, particularmente a masculina, como se essa fosse uma questão moral, basta lembrar o conceito que o filósofo alemão tinha dela, no século XIX, dizendo que a filosofia estava além do bem e do mal e que o sentido de um julgamento em que prevaleceriam dados subjetivos, deveria ser extra-moral, ou amoral, no sentido ensinado pelo professor, maestro e compositor Hans Joachim Koelreuter, recentemente falecido, que explicava o sentido dessa letra a, antes da palavra, para explicar que, em música, não se tratava da negação do tonalismo, mas de sua superação. Assim, o nu na arte, está além do juízo comum, por mais conservador ou libertário que seja a sociedade onde ele é realizado, pois o corpo nu sempre foi sua inspiração e ferramenta de uso de metáforas e símbolos poéticos.

#### **Nota dos Editores**

Os artigos publicados em **CIDADE SEM NOME** não refletem opinião ou concordância da equipe editorial da revista, sendo o conteúdo e a veracidade dos artigos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Os autores ao submeterem os artigos a **CIDADE SEM NOME** consentem no direito de uso e publicação dos mesmos por meios eletrônicos e outros (eventualmente em parcerias com terceiros), com finalidades acadêmicas, culturais e artísticas, de debate e divulgação de informação. Ou seja, os artigos publicados passam a fazer parte do acervo de **CIDADE SEM NOME**.